

Reflexões empíricas sobre condições de trabalho do jornalista¹

Juliana BULHÕES²

David RENAULT³

Universidade de Brasília, UnB, Brasília

RESUMO

Apresentamos os primeiros resultados da pesquisa de campo de uma investigação acerca do impacto das condições de trabalho na saúde e na qualidade de vida do jornalista. Para tal, fizemos uma síntese das três etapas de desenvolvimento do trabalho: pesquisa exploratória, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Em seguida, discutimos sobre como se deu o pré-teste do instrumento e elencamos as primeiras reflexões empíricas da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; condições de trabalho; saúde do jornalista.

INTRODUÇÃO

Em nossa pesquisa de doutorado investigamos o impacto das condições de trabalho do jornalista brasileiro na saúde e na qualidade de vida deste profissional. Como recorte geográfico, optamos por aplicar a pesquisa nas cidades de Natal, capital do Rio Grande do Norte, e Brasília, capital do país.

Nos propomos a desenvolver uma pesquisa no campo do Jornalismo com interface com o da Saúde. Os pilares da nossa fundamentação teórica emergem destas áreas. Temos como conceitos-chave da pesquisa: as condições de trabalho do jornalista, a precarização da profissão de jornalista, as mudanças estruturais no jornalismo, os estudos sobre o trabalho, o jornalista enquanto trabalhador, as consequências do trabalho na saúde do trabalhador e a qualidade de vida no trabalho.

Selecionamos uma tríade metodológica composta pela etnometodologia, pela análise da conversa e pela entrevista em profundidade. Estas três abordagens focam no "ouvir" e corroboram com a ideia que desenvolvemos de autopercepção da saúde, o que de certa forma soluciona algumas limitações da interface com a saúde.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestre em Estudos da Mídia (PPgEM-UFRN); doutoranda em Comunicação (FAC-UnB). Email: julianabulhoes.ad@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). Email: renault.david@gmail.com.

Neste recorte, desenvolvemos um panorama das três etapas da pesquisa: pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo. Apresentamos também as primeiras reflexões sobre a pesquisa de campo, enfatizando o pré-teste do instrumento.

1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM TRÊS ETAPAS

Para Gil (2010), cada pesquisa social é única. Entretanto, ele considera que é consenso que tenham pelo menos quatro processos: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório. Ele sugere que de forma detalhada essas pesquisas podem ter até nove fases, nem sempre explícitas: formulação do problema; construção de hipóteses ou determinação de objetivos; delineamento da pesquisa; operacionalização dos conceitos e variáveis; seleção da amostra; elaboração dos instrumentos de coleta de dados; coleta de dados; análise e interpretação dos resultados; redação do relatório.

Corroboramos com a proposta de Gil (2010), tendo em vista que a nossa pesquisa tem divisões de fases semelhantes ao que autor apresentou. Entretanto, para melhor explicar como se deu o processo de investigação, dividimos nosso desenvolvimento em três etapas: pesquisa exploratória, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

1.1 Pesquisa exploratória

Apesar do conhecimento prévio sobre o tema da investigação desenvolvido no mestrado, iniciamos a pesquisa com uma exploração da problemática, a fim de verificar a viabilidade da proposta. Sendo assim, a pesquisa exploratória se deu nos dois primeiros semestres da investigação e por meio dela fechamos não somente a problemática, como também o recorte da pesquisa.

Vale ressaltar que entendemos a pesquisa exploratória do ponto de vista de Bonin (2011), que a considera como um movimento de aproximação ao fenômeno pesquisado, com vistas a conhecer suas especificidades. Pode incluir um levantamento de dados referente ao problema, além de trazer pistas que irão contribuir para a construção investigativa. Consideramos a pesquisa exploratória como uma fase ou etapa

da pesquisa, o primeiro passo da execução de um projeto, anterior à revisão de literatura.

Nesta etapa, tivemos conversas informais com jornalistas e pesquisadores das duas cidades a fim de elencar pistas para uma construção de um objeto de estudo mais palpável. A partir das conversas, pudemos pensar em uma estratégia metodológica que atendesse aos nossos interesses de pesquisa, bem como pudemos chegar a uma proposta teórica mais coerente.

Também na fase de pesquisa exploratória fizemos contato via email com todos os 31 sindicatos de jornalistas do país (FENAJ, 2016b) a fim de identificar iniciativas que envolvesse os temas saúde do jornalista, qualidade de vida do jornalista e precarização da profissão de jornalista. Entretanto, obtivemos poucos retornos e todos com negativas. Sendo assim, desistimos desta estratégia.

1.2 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica está prevista para se desenvolver em um total de dois anos e meio, sendo dividida em duas sub fases para melhor organização. Na primeira sub fase, que foi concluída ao final do terceiro semestre da pesquisa, desenvolvemos um mapa do estado da arte conceitual.

Nesse período fizemos buscas de textos em bancos de dados online, bibliotecas de Universidades e online, revistas científicas da área de Comunicação e também da Saúde, sebos e anais de congressos da área. Além disso, observamos as referências das obras já localizadas.

De forma auxiliar, somamos a esta lista de obras algumas notícias e postagens sobre os temas trabalhados, pois algumas destas questões com as quais trabalhamos são debatidas com mais vigor em sites autorreferenciais da mídia - como o Observatório da Imprensa e o Portal Imprensa -, além de blogs de jornalistas e sites dos sindicatos de jornalistas. Acreditamos que desprezar esses dados com menor rigor acadêmico signifique deixar de explorar uma gama de informações referentes à prática do mercado jornalístico.

Também faz parte da pesquisa bibliográfica o levantamento de obras autobiográficas e biográficas de jornalistas brasileiros. Optamos por este recurso como suporte ao desenvolvimento do capítulo sobre a prática jornalística, a imprensa e o

mercado jornalístico brasileiro, por entendermos que a visão dos próprios jornalistas pode ser rica neste quesito, indo muito além dos escritos acadêmicos sobre os temas. Moraes (2014, p. 324), ao citar obras autobiográficas de jornalistas, afirma que estas "em geral consistem na narrativa de um indivíduo inserido em seu grupo, entremeadas com a história da imprensa e do país".

A segunda sub fase da pesquisa bibliográfica, destinada à atualização bibliográfica pós-qualificação e a possíveis lançamentos de obras, está prevista pra ser concluída ao final do quinto semestre. Também nesse período filtraremos as obras elencadas no estado da arte conceitual, a fim de identificar o que será utilizado na escrita dos capítulos definitivos da tese.

1.3 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi também dividida em duas sub fases. Na primeira realizamos o pré-teste, no qual desenvolvemos o nosso instrumento, que consiste em um roteiro de perguntas; desenvolvemos uma lista de possíveis entrevistados de Natal e Brasília, da qual selecionamos quatro para realizar na atual fase, ficando os demais arquivados para a fase seguinte; realizamos as entrevistas, providenciamos as transcrições dos áudios e analisamos os dados. Na segunda sub fase, após a etapa de qualificação, iremos revisar o instrumento, realizar as demais entrevistas e finalizar a pesquisa.

Segundo Gil (2002), é essencial que façamos um pré-teste quando estamos trabalhando com questionários e entrevistas. O autor recomenda que devemos selecionar um número restrito de indivíduos típicos do grupo pretendido. Segundo ele, após o pré-teste deve ser analisado a eficiência do instrumento (no caso, a entrevista) pautando-se em cinco itens: clareza e precisão dos termos, quantidade de perguntas, forma das perguntas, ordem das perguntas e introdução das perguntas. Sendo assim, estamos cientes de que se o roteiro de perguntas se mostrar ineficiente durante o pré-teste, ele deverá ser modificado antes de serem executadas as demais entrevistas.

Com relação aos sujeitos de pesquisa, trabalhamos com perfis que nos façam refletir sobre as diferentes formas de trabalho jornalístico em Natal e Brasília, inicialmente sem número fechado. Nossos entrevistados precisam estar atuando como

jornalistas na época da entrevista, pois queremos investigar as condições de trabalho na atualidade.

Temos interesse em uma diversidade de tipos de instituição na qual atuam como jornalistas - meios de comunicação hegemônicos e contra-hegemônicos da mídia tradicional (emissoras de TV e rádio, jornais impressos, revistas, portais etc.), da comunicação organizacional ou docência; sejam organizações públicas, privadas ou do terceiro setor.

Também almejamos contemplar diferentes funções - repórter, editor, pauteiro, locutor, apresentador, blogueiro, assessor de comunicação ou imprensa, marketing, comunicação interna, relações públicas, analista de mídias sociais, chefe, dono de empresa, professor etc. e diversos tipos de vínculos - carteira assinada, estagiário, freelancer, pessoa jurídica (PJ), contrato informal, contrato com carteira assinada em outra função (embora atuando como jornalista), contrato temporário, concursado como outra função mas exercendo a função de jornalista e concursado como jornalista.

Também nos interessam questões relacionadas a gênero, idade, tempo de profissão, tipo de formação (se em universidades públicas, privadas ou sem diploma), trajetória, ideologia profissional, sindicalização, não deixando de considerar aqueles que possuem múltiplos empregos e demais questões que possam surgir no desenvolvimento da pesquisa. Complementarmente poderemos buscar entrevistas com: os que têm a formação mas nunca atuaram, que atuavam e mudaram de profissão e que atuavam e se aposentaram etc.

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, registramos as entrevistas por meio de gravações em áudio e anotações, com transcrição literal em seguida. Todo esse material constitui a base para nossa análise dos dados empíricos, bem como as impressões e interpretações dos gestos e falas dos entrevistados.

Terminado o primeiro ano da pesquisa, podemos perceber as mudanças de perspectivas. Anteriormente, tínhamos o foco inicial diretamente na saúde e na QVT dos jornalistas. Ao perceber que teríamos dificuldade em tangenciar diretamente esses dois itens essenciais da pesquisa, devido a limitações enquanto pesquisadora-jornalista não pertencente à área de saúde, optamos por fazer uma abordagem inicial no âmbito das condições de trabalho, que naturalmente darão pistas para o estudo da saúde e da qualidade de vida no trabalho.

Avançamos também no delineamento da pesquisa. Havia o plano de investigarmos apenas a atuação dos profissionais com múltiplos empregos, entretanto durante a pesquisa exploratória identificamos que boa parte dos profissionais que atuam em Brasília possui apenas um emprego; sendo assim, não fazia sentido restringir este quesito, que foi substituído por um recorte de perfis, como apresentado anteriormente.

2 PESQUISA DE CAMPO: O PRÉ-TESTE

Iniciamos a fase de pesquisa de campo com o pré-teste do instrumento. Dessa forma, selecionamos quatro jornalistas a partir da lista desenvolvida de possíveis entrevistados. As quatro entrevistas em profundidade ocorreram de forma individual no mês de abril de 2016, em Brasília e Natal, em datas e locais escolhidos pelas fontes, com duração entre 40 minutos e uma hora e dez minutos cada.

No início das entrevistas foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido; todos aceitaram os detalhes e assinaram. Foi oferecida a opção de manter o anonimato; como três dos quatro entrevistados preferiram que os nomes reais não figurem na pesquisa, optamos por usar pseudônimos para todos e não especificar alguns detalhes que possam identificá-los. A opção utilizada neste projeto – todos os entrevistados com pseudônimos - será melhor avaliada durante o processo de realização de novas entrevistas e redação da tese.

Por causa disso, algumas informações das fontes como nomes das empresas em que trabalham e cidades de origem são apresentadas de forma genérica, tendo em vista o esforço de mantê-las realmente no anonimato, pois algumas temem desconfortos nos empregos ou até mesmo retaliações caso tenham as identidades reveladas. Somente um dos entrevistados escolheu seu pseudônimo; os demais escolhemos randomicamente.

Da mesma forma, Heloani (2003) optou pelo anonimato de suas fontes em sua pesquisa sobre estresse e qualidade de vida dos jornalistas. "Com o intuito de assegurar o sigilo dos depoentes, optamos por não mencioná-los nominalmente" (HELOANI, 2003, p. 33).

Fonseca (2008), tratando do caso de anonimatos em etnografias, fala que a prática pode ser por vezes naturalizada, pois não é debatida no meio acadêmico, apesar de poder representar um problema ético entre entrevistador e entrevistado. Além disso, a autora diz que "o uso de nomes fictícios não garante o anonimato aos informantes.

Justamente porque a descrição densa depende da riqueza dos detalhes contextuais" (FONSECA, 2008, p. 45).

Foi utilizado um roteiro de perguntas - manuseado apenas pela pesquisadora - com questões abertas e fechadas, divididas em oito categorias: dados pessoais, relação com o Jornalismo, experiência profissional, indicadores de QVT, remuneração e produção, indicadores de saúde, ideologia e vida pessoal.

O roteiro foi elaborado a partir dos estudos bibliográficos, especialmente influenciado por Bulhões (2014), Lima e Mick (2015) e Reimberg (2015). Ao todo, elencamos cerca de 100 perguntas, algumas atreladas à respostas anteriores.

As entrevistas foram gravadas em áudio (Samsung Galaxy S4 mini), transcritas e em seguida ouvidas novamente para que fossem inseridos os comentários do diário de campo - instrumento no qual anotamos os comportamentos, reações e *insights* nos momentos das conversas.

2.1 Os entrevistados

Nossa amostragem optou principalmente pela diversidade de tipos de instituição ou veículo e também variadas funções. Uma entrevistada trabalha em um órgão público do governo federal, outro em uma empresa privada de jornalismo impresso e online, a terceira em uma empresa privada de televisão e a última em uma empresa privada de jornalismo, em um órgão público do governo federal e com dois clientes particulares.

Com relação às funções, temos a representatividade de assessoras de imprensa, repórteres de impresso, online, TV e uma gestora. Os tipos de vínculo incluem carteira assinada como jornalista, celetista, contratos informais e contrato terceirizado. O fato de termos três mulheres dentre quatro entrevistados reflete um dado: cerca de dois terços dos jornalistas brasileiros são do gênero feminino (MICK; LIMA, 2013).

Os perfis gerais dos entrevistados desta etapa podem ser observados na *Tabela 1*, que mostra alguns dados importantes para a caracterização da amostragem: identificação, cidade de atuação, gênero, tipo de instituição, função, tipo de vínculo e tempo no Jornalismo. A partir das respostas obtidas, apresentamos a seguir uma síntese das visões e opiniões dos nossos quatro entrevistados acerca dos temas tratados.

Tabela 1: Perfis dos entrevistados no pré-teste						
Identificação	Cidade de atuação	Gênero	Tipo de instituição	Função	Tipo de vínculo	Tempo no jornal.
Entrevistada 1 Cremilda	Brasília	Feminino	Órgão do governo	Assessora de imprensa	Terceirizado	4 anos
Entrevistado 2 Vladimir	Brasília	Masculino	Impresso e online	Repórter	Carteira assinada como jornalista	11 anos
Entrevistada 3 Eugênia	Natal	Feminino	Televisão	Repórter e apresentadora	Carteira assinada como jornalista	5 anos
Entrevistada 4 Nísia	Natal	Feminino	Portal de notícias, instituição pública etc.	Gestora e assessora de imprensa	Carteira assinada como jorn., concursada e cont. informais	25 anos

Fonte: Autoria própria.

2.2 Síntese dos resultados das entrevistas

Segundo Mick e Lima (2013), o típico jornalista brasileiro é do gênero feminino, branca e jovem. Nossa amostragem é fiel a esse perfil: três mulheres e um homem; três entre 23 e 30 anos e uma entre 41 e 50 anos. Vladimir se diz branco; Cremilda parda ou branca; Eugênia é parda; e Nísia se identifica como uma mistura entre branca, índia e negra.

Os quatro explicitaram que o Jornalismo é parte fundamental em suas vidas, seja por paixão à profissão ou porque ela demanda muitas horas do cotidiano. Cremilda se mostrou bastante ideológica no que se refere à profissão; já Vladimir e Nísia transpareceram ser bem realistas e críticos.

Eugênia demonstra sempre insatisfação com a profissão e de certa forma indecisão, tendo inclusive mencionado que tem planos de mudar de emprego e ou de deixar o Jornalismo. Nísia pretende transformar as suas quatro ocupações em um só emprego, segundo ela para ter mais qualidade de vida.

Apesar dessas diferenças, todos se mostraram críticos com o fazer jornalístico nos tempos atuais, citando a não obrigatoriedade do diploma e sobretudo a crise de credibilidade que todos alegam que o jornalismo vem passando nos últimos meses devido principalmente à cobertura dada ao processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Nenhum dos quatro disse com veemência que indicam a profissão a outras pessoas, o que nos levam a crer que existe uma relação negativa e positiva com a profissão: de um lado a paixão pelo ofício, do outro a insatisfação com os salários e condições de trabalho.

O prestígio social da profissão é visto por eles de formas diferentes, mas todos deixaram claro que mesmo em meio a uma crise de imagem do profissional jornalista, o status da profissão não condiz com o que os profissionais realmente passam no cotidiano. O glamour foi associado à profissão em diversas vezes nas entrevistas, algumas vezes formando uma dicotomia entre glamour e decadência.

É muito forte a ideia de precarização na fala dos quatro. Apesar do termo não ser mencionado, são evocadas outras expressões, como "péssimas condições de trabalho", "profissão difícil", "profissão desvalorizada", dentre outras.

Segundo Vladimir e Cremilda, a função de assessor de comunicação é citada como uma fuga às redações, pois esse trabalho mais "tranquilo" requer menos esforço, horas de trabalho e tem uma remuneração melhor. Entretanto quem tem paixão por redação pode não conseguir se satisfazer nesse ofício.

Cremilda chega a falar que os trabalhos de um repórter e de um assessor de imprensa são iguais; acreditamos que essa visão tem fundamentos no semelhante uso da técnica jornalística nestas duas funções, porém acreditamos que essa seja uma forma de Cremilda se legitimar como jornalista acima da função, já que ela deixou claro em outros momentos da entrevista que não se realiza profissionalmente na função de assessora. Apesar de compartilharem a técnica, assessoria e reportagem carregam muitas diferenças na prática (DUARTE, 2011).

As mudanças no mundo do trabalho do jornalista citadas por eles corroboram com nossa visão de precarização da profissão. Enxugamento de redações, acúmulo de funções, baixos salários, piora das condições de trabalho e diminuição do prestígio foram citadas como mudanças ocorridas nos últimos anos. Também podemos relacionar essas características às mudanças estruturais no jornalismo (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011).

Todos declararam com convicção que o diploma é importante para o exercício profissional. Inclusive Eugênia, que atua sem o diploma. Essa situação pela qual ela passa, de trabalhar como jornalista profissional enquanto ainda é estudante de

Jornalismo foi vivenciada por todos os entrevistados e pode ser considerada uma prática comum do mercado.

Nossa amostragem teve uma gama diversa no quesito anos de experiência, pois duas entrevistadas têm quatro e cinco anos de profissão, um tem onze e outra tem vinte e cinco. Mesmo dentre os que tem menos anos de trabalho podemos observar uma mobilidade de empregos.

Apenas Vladimir só esteve em uma função desde o início da carreira: repórter de impresso e online. Os outros entrevistados passaram por diversas funções: repórter de TV, apresentador de TV, pauteiro de TV, repórter de impresso, repórter de online, assessor de imprensa, assessor de comunicação, chefia de redação,

A variação de empregos em curtos períodos de tempo é apontada por nós como fator a ser investigado nas próximas fases da pesquisa, pois acreditamos que é mais um indício de precarização da profissão de jornalista no país.

Os itens a seguir foram apontados como relevantes para o bem-estar profissional; sendo assim, elencamos como possíveis indicadores de QVT no trabalho do jornalista: salário justo, reconhecimento, valorização e relevância do trabalho realizado, estabilidade no emprego, oportunidades de crescimento, realização profissional, prazer em trabalhar, boa convivência com colegas, boa convivência com superiores, boas condições físicas para o trabalho, boa estrutura organizacional e respeito aos direitos trabalhistas.

Três deles trabalham horas não remuneradas semanalmente. O banco de horas é citado em forma de mito no mercado e isso pode ser legitimado pelas falas dos entrevistados, pois ou não é feito o controle - como é o caso e Eugênia - ou esse controle não serve para uma remuneração efetiva ou folgas assíduas - como é o caso de Vladimir, embora ele tenha dito que eventualmente tira folgas com base no seu vasto banco de horas, mas não chega perto do que ele poderia tirar se fosse feito o cálculo correto.

Eugênia, Nísia e Vladimir citaram várias vezes na entrevista que o celular faz parte dos trabalhos desenvolvidos, mesmo em horários após o expediente. Apenas Cremilda falou que não tem obrigações com o trabalho fora do expediente estabelecido.

Com relação aos salários dos entrevistados, algumas relações chamam atenção. Notavelmente os entrevistados de Brasília têm uma melhor remuneração numérica,

apesar do custo de vida ter sido citado como fator de diminuição do poder de compra. Cremilda e Vladimir tem salários líquidos iguais, mas cargas horárias completamente diferentes.

Cremilda trabalha 25 horas semanais, exatamente o que consta em seu contrato, enquanto Vladimir pode trabalhar até mais de 40 horas em uma semana, cinco horas a mais a cada semana do que está registrado na carteira de trabalho, o que em um mês pode chegar a 25 horas de trabalho não remunerado.

As entrevistadas de Natal destoam completamente nesse quesito. Eugênia ganha exatamente um piso, o que corresponde a aproximadamente um salário mínimo e meio. Nísia tem a renda mensal de R\$6.000 oriundos de seus quatro vínculos, o que corresponde a pouco mais de um piso estadual por cada ocupação.

A carga horária semanal de ambas é alarmante: Eugênia trabalha cerca de 50 horas semanais nos dois expedientes diários que dá na empresa, o dobro do que está em seu contrato; Nísia, tem em seus vínculos expedientes livres que somados dão cerca de 60 horas semanais; como os horários são concomitantes, não temos como verificar qual a carga horária corresponde a cada um.

Vale destacar que o piso salarial no Distrito Federal é aproximadamente 64% maior do que o piso do RN, pois os valores atuais são R\$2.247 e R\$1.370, respectivamente (FENAJ, 2016a). Apesar das diferenças, todos os entrevistados acham que são bem remunerados quando avaliado os mercados onde estão inseridos.

Por meio das entrevistas realizadas até o momento não podemos inferir que o trabalho tem relação no estado de saúde dos jornalistas, pois não pudemos traçar uma relação entre quem tem maior carga horária de trabalho e quem mais frequenta médicos e cuida da saúde em geral. Aparentemente tem mais relação com os hábitos pessoais do que com a falta de tempo que a maioria alega ter.

Algumas doenças foram citadas por mais de um entrevistado. Ansiedade, dores nas costas, dores no pescoço e fadiga visual foram citadas três vezes; dores de cabeça, duas vezes. E insônia, alcoolismo, dores nos braços, dores nas pernas, dores nas articulações e depressão foram citadas uma vez cada.

Fora essa lista, foram citadas crises de choro, cansaço em geral e obesidade - nesse último caso, duas vezes. Os entrevistados apontaram que têm ou já tiveram essas condições, que eles acreditam que tem a ver com a atuação profissional como

jornalistas. Apesar da lista extensa, poucas delas foram diagnosticada por um profissional.

Podemos concluir que são indicadores de saúde física e mental que podem ser aplicados aos jornalistas: a QVT, o cuidado com a saúde e o acompanhamento médico, a carga horária, a intensidade do trabalho, o respeito ao descanso, a prática de atividades físicas, o alerta ao estresse e o alerta ao assédio moral ou sexual. Percebemos que alguns deles também foram listados como indicadores de QVT, sendo assim propomos que futuramente tratemos dos dois temas juntos.

Com relação à ideologia, pudemos notar que há um esforço muito grande por parte dos entrevistados em serem imparciais em suas trabalhos, por mais que reconheçam que isso é uma utopia da profissão. Apesar de todos deixarem claro que acreditam que o exercício profissional é problemático, eles têm pouca atuação sindical ou em busca de melhorias e são pouco envolvido politicamente.

Foram citados casos de machismo nos ambientes jornalísticos, principalmente dentro das instituições, quesito que iremos investigar com mais afinco a partir das próximas entrevistas. Também foram citados casos frequentes de assédio moral nos ambientes de trabalho, e em menor escala casos de assédio sexual.

Os dados são limitados, mas acreditamos que possa haver ainda em Brasília uma propensão maior a ter profissionais oriundos de outros estados, apesar de desde 2013 existirem mais brasilienses do que pessoas nascidas em outros estados morando no Distrito Federal (EBC, 2013). Em estados menores e com mercados mais restritos, como é o caso do Rio Grande do Norte, aparentemente há uma menor migração de profissionais.

E, por fim, com relação às vidas pessoais percebemos que há grande influência da profissão de jornalista nelas, pois muitos planos de vida não são concretizados devido à total dedicação à profissão. Também carecemos de mais dados para tecer afirmações mais incisivas neste quesito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, acreditamos que o pré-teste correspondeu às expectativas e os objetivos foram atingidos, apesar de se tratar de uma amostragem pequena que não nos permite tecer algumas generalizações.

O instrumento se mostrou eficaz, apesar de termos alguns ajustes em mente: acrescentar alguns temas que ficaram de fora, como a questão de acidentes de trabalho e de trabalho freelancer; e deixar o bloco de perguntas sobre o Jornalismo para o meio ou final da entrevista, pois é nessa parte que os entrevistados demoram mais e pode cansar o ritmo da entrevista.

Possivelmente iremos precisar de mais encontros com os quatro entrevistados iniciais, o que não será um problema, pois todos se mostraram disponíveis para conversas futuras e sabem dessa possibilidade.

A partir das entrevistas feitas também podemos pensar em quantas entrevistas precisaremos no total; acreditamos que respeitando uma multiplicidade de perfis, incluindo diferentes gêneros, funções, tempo de atuação, tipos de veículo onde trabalham e cidades de atuação, precisaremos de uma amostra total de cerca de 20 jornalistas. Vale salientar que temos uma lista pré-definida com nomes de 37 jornalistas que atuam em Brasília e Natal, universo do qual pretendemos buscar as próximas fontes, considerando a proporcionalidade entre o número de profissionais em cada cidade.

Do ponto de vista metodológico, foi possível conduzir a entrevista seguindo os preceitos da etnometodologia, da análise da conversa e da entrevista em profundidade. Além disso, podemos identificar nas entrevistas os cinco conceitos-chave da etnometodologia são: a prática, a indicialidade, a reflexividade, a *accountability* e a noção de membro.

A prática porque nos dedicamos a ela em toda a condução das conversas. A indicialidade esteve presente em todos os momentos, pois pudemos identificar que algumas reações iam além das palavras proferidas pelas fontes.

A reflexividade porque percebemos que eles construíram seus discursos no momento em que foram suscitados aos debates, não chegaram com opiniões fechadas - sobretudo porque não sabiam com exatidão as perguntas que seriam feitas.

A *accountability* pela capacidade crítica que os entrevistados tiveram ao avaliar suas práticas. E, por fim, a noção de membro pode ser percebida muito forte nas respostas proferidas, tanto pelo uso de termos da área, quanto pelo reforço de algumas práticas e discursos próprios da tribo jornalística (TRAQUINA, 2004).

Diante destes resultados, acreditamos que a pesquisa de campo, à luz dos referenciais teóricos e metodológicos, se desenvolveu dentro do esperado e poderemos passar para as próximas fases da pesquisa. Julgamos que a investigação como um todo cumpriu os cronogramas almejados e atingiu os objetivos esperados.

REFERÊNCIAS

- BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, pp. 19-42.
- BULHÕES, Juliana. **Perspectivas da prática profissional do jornalista assessor de imprensa: o ethos, a identidade e as reflexões deontológicas no contexto da atuação simultânea em redações e assessorias de imprensa de Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- DUARTE, Jorge. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- EBC. **DF já tem maioria da população formada por brasileiros, aponta Codeplan**. Publicado em 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/df-ja-tem-maioria-da-populacao-formada-por-brasilienses>>. Acesso em 11 maio 2016.
- FENAJ. **Piso salarial**. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php>>. Acesso em 12 abr. 2016a.
- FENAJ. **Sindicatos**. Disponível em: <<http://fenaj.org.br/sindicatos.php>>. Acesso em 27 abr. 2016b.
- FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia "em casa". **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1 e 2, jan. a dez. 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impacto na qualidade de vida do jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório 12/2003.
- LIMA, Samuel; MICK, Jacques. **Quem são os funcionários do Banco do Brasil? Perfil sociodemográfico, político e do trabalho (2014)**. Brasília, 2015.
- MORAES, Vaniucha. Memórias, biografias e histórias de jornalistas. **Tomo**, n. 25, jul. a dez 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade transnacional. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.